

CAITLIN MORAN

COMO SER MULHER

UM DIVERTIDO MANIFESTO FEMININO

Tradução

ANA BAN

PA
PA
IB
IB

Copyright © 2011 by Caitlin Moran
Proibida a venda em Portugal.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL How To Be a Woman

CAPA Alessandra Kalko

IMAGENS DE CAPA ACIMA: Latinstock/© CORBIS/ Corbis (DC) e
ABAIXO: CSA Images/Printstock Collection/ Getty Images

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Juliane Kaori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moran, Caitlin

Como ser mulher / Caitlin Moran ; tradução Ana Ban.

— 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2012.

Título original: How To Be a Woman.

ISBN 978-85-65530-09-5

1. Humorismo 2. Jornalistas — Inglaterra — Biografia
3. Moran, Caitlin 4. Mulheres — Condições sociais —
Inglaterra 5. Mulheres — Conduta de vida I. Título.

12-07423

CDD-305.420207

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Papel social : Tratamento humorístico
305.420207

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparalela.com.br

Sumário

Prólogo — O pior aniversário de todos os tempos	7
1. Começo a sangrar!	17
2. Fico peluda!	35
3. Não sei como chamar meus seios!	46
4. Sou feminista!	56
5. Preciso de um sutiã!	69
6. Sou gorda!	80
7. Descubro o machismo!	92
8. Estou apaixonada!	110
9. Vou a um clube de striptease!	125
10. Eu me caso!	134
11. Entro na moda!	148
12. Por que ter filhos	164
13. Por que não ter filhos	178
14. Modelos de comportamento e o que fazer com eles	187

15. Aborto	202
16. Intervenção	214
Pós-escrito	222
Agradecimentos	232

1. Começo a sangrar!

Eu achei que fosse opcional. Sei que as mulheres sangram todo mês, mas não pensei que fosse acontecer *comigo*. Achei que seria capaz de escolher não sangrar — talvez por pura vontade. Sinceramente, não me parece algo muito útil ou divertido, e não vejo como encaixar na minha agenda.

Não vou me incomodar! Penso comigo mesma, alegre, enquanto faço meus dez abdominais à noite. Capitã Moran *recusa* a missão!

Estou levando minha lista de “Antes dos dezoito” muito a sério. Minha campanha de “Preder [*sic*] peso” avançou um degrau — além de não estar mais comendo bolachas de gengibre, estou fazendo dez abdominais e dez flexões de braço toda noite. Não temos nenhum espelho de corpo inteiro em casa, por isso não faço ideia de como estou indo, mas imagino que, nesse ritmo, meu regime de campo de treinamento militar me deixe tão magra quanto Winona Ryder até o Natal.

Mas, bom, só fiquei sabendo da existência da menstruação há quatro meses. Minha mãe nunca disse nada sobre isso — “Achei que vocês tinham aprendido tudo em *A gata e o rato*”, ela disse, vagamente, anos depois, quando perguntei sobre a questão —, e foi só quando deparei com uma propaganda de absorvente interno, enfiada na cerca viva na frente da nossa casa por uma estudante que passava, que fiquei sabendo que história era aquela de menstruação.

“Não quero falar sobre isso”, Caz diz quando entro no quarto com a propaganda e tento mostrar para ela.

“Mas você viu?”, pergunto e me sento na ponta da cama. Ela passa para a outra extremidade. Caz não gosta de proximidade. Fica extremamente irritada. Em uma casa do governo com três quartos e sete pessoas, ela vive quase sempre furiosa.

“Olhe — isto aqui é o *útero*, e isto é a *vagina*, e o absorvente se expande na *largura*, para preencher a... *cavidade*”, eu digo.

Só li o anúncio por cima. Para ser sincera, fiquei bastante abalada. O corte anatômico do sistema reprodutivo feminino parece complicado e impraticável — como uma daquelas gaiolas de hamster caríssimas da Rotastak, com túneis que vão para todos os lados. Mais uma vez, não sei muito bem se quero compactuar com tudo isso. Acho que eu simplesmente acreditava ser

feita de carne sólida — da pélvis ao pescoço —, com os rins enfiados lá no meio. Tipo uma linguiça. Sei lá. Anatomia não é meu ponto forte. Gosto de romances do século XIX em que as moças desmaiam na chuva e das memórias de guerra de Spike Milligan. Não há muita menstruação em nenhum dos dois. Isso tudo me parece um pouco... desnecessário.

“E acontece *todo* mês”, eu digo a Caz. Ela agora está deitada, toda vestida por baixo da colcha, com botas de borracha e tudo.

“Quero que você vá embora”, ela diz, debaixo da colcha. “Estou fingindo que você está morta. Não tem nada sobre o que eu queira falar menos com você do que menstruação.”

Saio dali.

“*Nil desperandum!*”, digo a mim mesma. “Sempre tem alguém que posso procurar em busca de um ouvido solidário e de uma conversa animada!”

A idiota da nova cachorra está embaixo da minha cama. Ela engravidou de Oscar, o pequeno cachorro que mora do outro lado da rua. Nenhum de nós consegue entender muito bem como isso aconteceu, já que Oscar é aquele tipo de cachorrinho que não para de latir, só um pouco maior do que uma lata de feijão grande, e a idiota da nova cachorra é uma pastora-alemã bem grande.

“Ela deve ter cavado um buraco no chão para agachar”, Caz diz, enojada. “Acho que ela estava *muito* a fim. Sua cachorra é uma vagabunda.”

“Vou me tornar mulher logo, cachorra”, eu digo. Ela lambe a própria vulva. Reparei que ela sempre faz isso quando falo com ela. Ainda não cheguei a nenhuma conclusão a respeito, mas acho que isso me deixa um pouco chateada.

“Encontrei um anúncio que diz que minha menstruação vai começar logo”, continuo. “Vou ser sincera, cachorra... estou um pouco preocupada. Acho que vai doer.”

Olho nos olhos dela. É idiota até não poder mais. Galáxias de nada passam por seus olhos.

Eu me levanto.

“Vou falar com minha mãe”, explico. A cachorra continua embaixo da cama, parecendo, como sempre, nervosa por ser uma cadela.

Encontro minha mãe no banheiro. Ela agora está grávida de oito meses e segura Cheryl, de um ano, que está dormindo, enquanto tenta fazer xixi.

Sento na beirada da banheira.

“Mãe?”

Por algum motivo, acho que só tenho direito de fazer uma pergunta sobre o assunto. Uma chance para ter “a conversa sobre o ciclo menstrual”.

“Sim?”, ela responde. Apesar de estar fazendo xixi e segurando um bebê

que dorme, ela também está separando a roupa branca do cesto de roupa suja.

“Sabe... *a minha menstruação?*”, eu sussurro.

“O que tem?”, ela diz.

“Vai doer?”, pergunto.

Minha mãe pensa por um minuto.

“Vai”, ela responde, no fim. “Mas tudo bem.”

O bebê então começa a chorar, por isso ela nunca chega a explicar como vai ficar “tudo bem”. Isso continua sem explicação até hoje.

Três semanas depois, minha menstruação vem. Parece-me um acontecimento profundamente infeliz. Começa no carro, a caminho da Biblioteca Central, na cidade, e eu preciso ficar caminhando pela seção de não ficção durante meia hora, torcendo desesperadamente para que a calça não manche, até que meu pai nos leve de volta para casa.

“Minha primeira menstruação veio: eca”, escrevo no meu diário.

“Não acho que Judy Garland tenha ficado menstruada alguma vez”, digo à cachorra, infeliz, mais tarde naquela mesma noite. Fico me vendo chorar em um espelhinho de bolso. “Nem Cyd Charisse. Nem Gene Kelly.”

O saco de absorventes que a minha mãe guarda atrás da porta do banheiro agora é da minha conta também. Sinto uma inveja triste de todas as minhas irmãs menores que ainda estão “fora do saco”. Os absorventes são grossos e baratos — enfiados na minha calcinha, parecem um colchão no meio das minhas pernas.

“Parece que tem um colchão no meio das minhas pernas”, digo a Caz.

Estamos brincando com nossas bonecas Sindy. Há quatro horas, a Sindy de Caz, Bonnie, está assassinando em segredo todo mundo em um cruzeiro de luxo. A minha Sindy, Layla, está tentando solucionar o mistério. O bonequinho pernetá, Bernard, namora as duas ao mesmo tempo. Discutimos constantemente sobre a posse de Bernard, apesar de ele na verdade pertencer a Eddie. Nenhuma de nós quer que sua Sindy fique solteira.

“Um colchão grosso e horroroso”, continuo. “Que nem em *A princesa e a ervilha*.”

“Qual é o comprimento deles?”, Caz pergunta.

Dez minutos depois, seis absorventes estão dispostos como se fossem colchões num dormitório, e as Sindys estão deitadas em cima deles.

“Mas que sorte!”, eu digo. “Foi como quando descobrimos que uma couve-de-bruxelas era *idêntica* a um repolho da Sindy. Está vendo, Caz... é o lado *positivo* da menstruação!”

Como os absorventes são baratos, eles rasgam entre as minhas coxas quando caminho e vazam. Desisto de caminhar durante toda a duração da minha menstruação. A primeira demora três meses. Fico achando que é perfeitamente normal. Desmaio com regularidade. Fico tão anêmica que as unhas dos meus dedos adquirem um tom azul bem claro. Não falo nada para minha mãe porque já fiz minha única pergunta sobre menstruação. Agora preciso dar conta dela.

O sangue nos lençóis é deprimente — não é dramático, vermelho como num assassinato. É marrom e tedioso, como num acidente. Parece que estou enferrujada por dentro e agora estou quebrando. Na tentativa de evitar lavar as manchas à mão toda manhã, começo a enfiar chumaços de papel higiênico na calcinha junto com o absorvente inútil e passo a noite toda deitada imóvel, completamente imóvel. Às vezes, saem coágulos de sangue enormes que se parecem com fígado cru. Suponho que seja o revestimento do meu útero que sai em fatias de um dedo de espessura e que a menstruação simplesmente é assim visceral mesmo. Tudo vai se somando a uma sensação terrível de que há algo de muito errado acontecendo, mas de que é contra as regras do jogo fazer qualquer menção ao problema. Com frequência, penso em todas as mulheres ao longo da história que precisaram lutar contra essa porcaria apenas com trapos e água fria.

Não é para menos que as mulheres são oprimidas pelos homens há tanto tempo, penso enquanto esfrego a calça com uma escova e sabão no banheiro. Tirar sangue seco de algodão é um saco. Estávamos ocupadas demais *esfregando* para nos organizar pelo voto antes que o tanque duplo fosse inventado.

Apesar de Caz ser dois anos mais nova do que eu, sua primeira menstruação vem seis meses depois da minha — bem quando a minha segunda está começando. Ela entra chorando no meu quarto, quando todos os outros estão dormindo na casa, e sussurra as palavras horríveis: “Minha menstruação desceu”.

Mostro a ela o saco de absorventes, atrás da porta do banheiro, e digo o que fazer.

“Coloque na sua calcinha e passe três meses sem caminhar”, eu digo. “É fácil.”

“Vai doer?”, ela pergunta, com os olhos arregalados.

“Vai”, eu respondo, com modos nobres de adulto. “Mas tudo bem.”

“Por que vai ficar tudo bem?”, ela pergunta.

“Não sei”, respondo.

“Então por que você disse isso?”, ela pergunta.

“Não sei.”

“Jesus. Por que você se dá ao trabalho de falar? As coisas que saem da sua boca são inacreditáveis.”

Caz sente cólicas pavorosas — ela passa o período menstrual no quarto com as cortinas fechadas, coberta por bolsas de água quente, berrando “vá se foder” para qualquer pessoa que tenta entrar ali.

Como minha mãe é hippie, ela não “acredita” em analgésicos e pede que busquemos alternativas naturais. Lemos que sálvia supostamente ajuda e ficamos na cama comendo punhados de recheio de sálvia e cebola, chorando. Nenhuma de nós consegue acreditar que vai ter de aguentar isso durante os próximos trinta anos.

“Eu nem quero ter um filho”, Caz diz. “Não vou tirar absolutamente nenhum proveito disso. Quero que todo o meu sistema reprodutivo seja arrancado fora e substituído por pulmões, para quando eu começar a fumar. Quero ter essa opção. Isso é inútil.”

Nesse cenário, parece que não há absolutamente nada de bom em ser mulher. Hormônios são um incômodo que me transformam de criança alegre em uma lavadeira esvaindo-se em sangue que só chora e desmaia. Eles não fazem com que eu me sinta feminina: toda noite fico deitada na cama me sentindo arrasada. E o volume do absorvente na minha calcinha parece um pinto.

Tiro tudo, tristonha, e pego a camisola na gaveta da cômoda. Quando volto a me virar, a cachorra saiu de baixo da cama e começou a comer meu absorvente cheio de sangue. Há chumaços de algodão despedaçado pelo chão todo, e a calcinha está pendurada na boca dela. Ela fica olhando fixo para mim, desesperada.

“Ai, meu Deus... sua cachorra é uma vampira lésbica”, Caz diz da cama dela e se vira para dormir.

Vou pegar minha calcinha e desmaio.

No meio desse desalento hormonal, no entanto, a cavalaria finalmente chega, no alto da montanha, tilintando as esporas, com as ombreiras brilhando ao sol: meu cartão verde da biblioteca. Agora que tenho treze anos, posso pegar livros adultos sem precisar pegar o cartão dos meus pais emprestado. E isso significa que posso retirar livros secretos. Livros sórdidos. Livros com sexo.

“Ando tendo uns sonhos”, digo à cachorra no caminho da biblioteca, que fica do outro lado do Gramado, uma extensão de grama gigantesca e desolada, onde é preciso estar sempre atenta aos Delinquentes. Não adianta caminhar cheia de coragem pelo meio — assim você fica exposta. Você tem

que se ater às laterais, perto das casas, para que, caso seja atacada, as pessoas possam ter uma boa visão de quando chutam sua cabeça, sem precisar pegar os binóculos.

“Sonhos com... homens”, continuo. Olho para a cachorra. Ela olha de volta para mim. Acho que merece saber toda a verdade sobre o que está acontecendo. Eu devo isso a ela, no mínimo.

“Estou apaixonada por Chevy Chase”, digo, em um arroubo repentino de alegria. “Eu o vi no clipe do Paul Simon de ‘Call Me Al’, do álbum *Graceland*, de 1986, da Warner Bros., e simplesmente não consigo parar de pensar nele. Tive um sonho em que ele me beijava, e sua boca era excitante. Vou perguntar ao meu pai se a gente pode pegar *Três amigos* na locadora na sexta.”

Pedir *Três amigos* na locadora vai ser um ato de coragem — já foi determinado que o próximo vídeo a ser alugado será *Howard, o pato*. Vou ter que me desdobrar, mas vai valer a pena. Eu ainda não disse à cachorra, mas a ideia de beijar Chevy Chase me deixou tão excitada que, ontem, escutei “Call Me Al” dezesseis vezes em seguida, imaginando que ele tocava no meu rosto enquanto Paul Simon fazia o solo de baixo. Tenho o maior tesão por Chevy. Até já imaginei qual vai ser a primeira coisa que vou dizer a ele — e que vai ganhar seu coração.

“Chevy Chase?”, direi em uma festa muito parecida com as que vi em *Dinastia*. “Tem algum parentesco com *Cannock Chase*?”

Cannock Chase fica pertinho da estrada A5, no caminho de Stafford. Chevy, um astro de cinema e comediante nascido em Los Angeles, não só vai entender essa piada, mas adorar.

Claro que tive paixões antes. Bom, uma. Não correu muito bem. Quando eu tinha sete anos, assisti a um episódio de *Buck Rogers* e me apaixonei pelo caubói do espaço burrão, tão obviamente baseado em Han Solo que podiam ter posto o nome de San Holo nele e fazer com que viajasse a bordo da *Filennium Malcon* com Bewchacca.

Enquanto as novas substâncias químicas do amor corriam pelo meu corpo — Bucknésio e Rogertônio —, descobri o que é o amor, e percebi que é apenas se sentir muito... interessada. Mais interessada do que eu jamais tinha sido por qualquer coisa.

Eu me interessava por absolutamente tudo relacionado a Buck. O simples ato de olhar para o rosto dele era interessante. O jeito como ele ficava em pé, perto de uma porta = interessante. A maneira como ele segurava a pistola laser de plástico obviamente leve como se fosse pesada = interessante. A música tema assumiu uma carga de desejo e de Buck Rogernice tão insuportável que — 28 anos depois — eu ainda me sinto agitada quando escuto.

Obviamente, esses eram todos sentimentos com que era difícil lidar,

por isso fiz o que sempre fazia quando algo de certa importância acontecia. Agarrei Caz — que na época tinha cinco anos — e a puxei para dentro do armário do aquecedor comigo. Do mesmo jeito que a família Mitford costumava fazer — só que o deles provavelmente era muito maior do que o nosso e não cheirava a sabão em pó, cocô de rato e peido.

“Caz”, eu disse, fechando a porta o máximo possível e assumindo uma expressão de presságio profundo. “Tenho uma coisa incrível para contar.”

Fiz uma pausa e fiquei olhando fixo para ela.

“Eu... estou APAIXONADA por Buck Rogers. Não conte para a mamãe.”

Caz assentiu.

Meu fardo ficou mais leve. Abri a porta e fiz um gesto para Caz sair. Vi quando ela atravessou o patamar da escada e desceu. Ouvi quando abriu a porta da frente.

“Mãe, Cate está apaixonada por Buck Rogers”, ela disse.

Foi então que aprendi, naquele momento — quando a vergonha profunda queimava em mim como brasa quente —, que amor é agonia, que todas as paixões devem permanecer secretas e que não podia confiar em Caz, uma filha da mãe sem coração.

Todos esses fatos me ajudaram bastante depois. Aprendi muito no armário do aquecedor naquele dia. Apenas vinte minutos depois, eu estava enfiando ervilhas congeladas no travesseiro de Caz enquanto sussurrava de maneira portentosa: “E, assim, a guerra começa”.

Mas — depois de ter esmagado todos os meus sentimentos amorosos durante tanto tempo — a onda de hormônios da adolescência tornava impossível continuar ignorando. A menina de treze anos com o cabelo trançado, caminhando pela beirada do Gramado, conversando com a cachorra grávida, na verdade está louca de tesão.

“Vou pegar a versão em livro de *Assassinato por encomenda*”, digo à cachorra. Era um filme bem mais ou menos da época, que tinha Chevy Chase como protagonista. “Vai ter uma foto de Chevy na capa, e eu vou olhar para a foto e depois copiar no meu Livro do Amor.”

O Livro do Amor é uma invenção recente. Na capa, diz “Livro da Inspiração”, mas, na verdade, é o Livro do Amor. Até agora, tenho nove fotos da duquesa de York e uma foto bem pequena de Caco, o Sapo, recortadas da revista *Radio Times*. Adoro a duquesa de York. Em 1988, ela é muito gorda, mas se casou com um príncipe. A duquesa de York me dá esperança para o futuro.

Já planejei exatamente o que vou fazer com a versão em livro de *Assas-*

sinato por encomenda. Quando eu chegar em casa, vou embalar em um colete e esconder no fundo da minha gaveta de calcinhas, para meus pais não vejam. É muito importante que meus pais não pensem que estou começando a me apaixonar, porque daí podem reparar que estou crescendo, e eu estou tentando manter isso em segredo. Acho que pode causar algum tipo de incidente.

Na biblioteca, encontro o livro com facilidade. Tem uma foto grande satisfatória de Chevy na capa — vou gastar um bom lápis copiando aquele rosto doce.

No último minuto, coloco *Riders* de Jilly Cooper no balcão, para ser carimbado. Tem um cavalo na capa. Eu gosto de cavalos. Dá para ouvir a cachorra uivando do lado de fora. Eu a amarrei a uma árvore, mas ela sempre fica toda agitada e quase se enforca com a coleira. Deve estar na hora de eu ir pegá-la, antes que pare de respirar.

Três horas depois, não consigo acreditar no que estou lendo. Meu primeiro dia de livros adultos e escolho o ouro da baixaria. Absolutamente o ouro da baixaria. *Riders*, de Jilly Cooper, é mais do que eu poderia sonhar — tem pau, peito e agarrão em todo lugar. Clitóris caíndo do céu. Cus de dois palmos de fundura. Um furacão de mamilos, chupadas e sexo oral.

Uma parte é confusa — Cooper vive se referindo à “selva” de uma heroína e, até chegar à página 130, não posso jurar com certeza absoluta que ela não está falando de vegetação. E eu não faço ideia do que seja cunilíngua — certamente não é algo que ninguém que eu conheça em Wolverhampton tenha dinheiro para pagar. Aposto que isso nem existe em Birmingham. Deve ser coisa de Londres.

Mas, colocando isso de lado, sem dúvida, trata-se de uma bíblia da sacanagem, a Pedra de Roseta da baixaria: o texto-chave que vai traduzir os “sentimentos novos e fora do comum” que tenho ao “me masturbar furiosa e compulsivamente nos próximos quatro anos”.

Na primeira vez que tento — na metade do capítulo 5 —, demoro vinte minutos para conseguir. Eu realmente não sei o que estou fazendo — no livro, as pessoas “se demoram” ao redor da “selva úmida” até que algo fantástico acontece. Eu fico lá remexendo — com a língua entre os dentes em sinal de concentração — e, determinada, tento de tudo nesse lugar desconhecido que tenho há treze anos.

Quando finalmente gozo, eu me deito toda molhada, exausta, com a mão doendo, fora de mim de tanta excitação. Eu me sinto fantástica. Eu me sinto como Fonz deve se sentir quando entra em um lugar e diz: “Heeeeeey”, ou

Bluebell — onde as samambaias são picantes e úmidas, e agosto faz com que tudo seja lento — e flutuo mais uma vez.

A cachorra fica ganindo embaixo da cama.

Ao longo dos anos seguintes, a masturbação se transforma em um hobby que consome tempo, mas muito recompensador. Apesar de eu aprender que se chama “masturbação” — depois de algumas semanas —, nunca falo assim. “Masturbação” é muito parecido com “perturbação”, e é, de longe, um avanço nada perturbador. “Punheta” tampouco é adequado — parece o nome de uma manivela ou um maquinário volumoso e complicado, que exige graxa e berros para funcionar.

O que estou fazendo, de maneira contrastante, é algo sonhador, delicado e suave — tirando as ocasiões em que deixei as unhas crescerem demais e me machuquei tanto que precisei afastar meus próprios avanços durante alguns dias. Só penso naquilo como “aquilo” — e, logo, “aquilo” exige mais do que *Riders*, por mais revolucionário que o livro tenha sido, para ser alimentado.

Começo a fazer o que todo mundo da minha geração está fazendo — a última geração antes de a pornografia começar a ser distribuída na internet e de graça, com a mesma generosidade que o governo trabalhista distribuiu leite e óculos no pós-guerra. Comecei a ler o guia *Radio Times*, tentando descobrir quando passavam os programas sacanas de tv.

As melhores fontes de baixaria, logo descobri, com milhões de adolescentes no final dos anos oitenta/início dos noventa, dividem-se entre “filmes de classe e dramas na BBC 2”, e “programação juvenil de fim de noite no Channel 4”. Há algumas palavras-chave que devem ser procuradas no guia de programação. “Jenny Agutter” é a mais importante. Agutter é aquela que não nega fogo. *Fuga no século XXIII*, *Um lobisomem americano em Londres* e *A longa caminhada* — que poderia muito bem se chamar “A longa masturbada”: sempre que Agutter se materializa, aparecem peitos, mordidas no pescoço e agarrões nas coxas, com trilha sonora de gemidos. Até em *O comboio que levava saudades* — o adorável, para toda a família, *O comboio que levava saudades* — ela acaba tirando a roupa de baixo em um trem cheio de cavalheiros vitorianos estupefatos, quando saem de um túnel em uma fúria de vapor e freios cantando. É como se Jenny Agutter insistisse nessas coisas.

Assisto a *Um lobisomem americano em Londres* tarde da noite, com o som bem baixo, enquanto Jenny Agutter morde devagar, faminta, o ombro de David Naughton no chuveiro, e fico pensando como eu também gostaria de ter alguém para morder — mesmo que ele depois se revelasse um lobisomem e

levasse um tiro na minha frente, na rua, como um cachorro malvado. Aceito os pontos negativos, assim como os positivos, do amor. Sei que não vai ser fácil. Muitas das faixas de *Graceland* me disseram isso. Tarde da noite, estou na sarjeta, à procura de Agutter.

Mas não é apenas ela que procuro. “Uma história obscura de traição sexual” também é sempre uma boa aposta no guia — o seriado *A Sense of Guilt* e a minissérie *Blackeyes* estão cheios de momentos em que tenho que atravessar a sala correndo e apertar o botão de “desligar” para minha mãe não chegar e me pegar assistindo àquelas coisas inadequadas. Muito inadequadas. Mãos são enfiadas em blusas pretas justinhas, *Blackeyes* é enviado para ser afogado. O sexo parece inacreditavelmente complicado e de deixar qualquer um muito nervoso, mas pelo menos estou vendo beijos e alguns seios. Quando vejo a adolescente ruiva sendo seduzida por Trevor Eve em *A Sense of Guilt*, tenho vontade de dizer a Caz — que também é ruiva — que finalmente encontrei outro modelo de conduta para ela, além de Pica-Pau e a Annie de *Annie* — mas, na semana anterior, tivemos o seguinte diálogo:

EU: “Adivinha o que aconteceu ontem!”

CAZ: “Resolvi o que quero de presente de aniversário: que você não fale mais comigo.”

Em uma única ocasião o sexo não é carregado de culpa nem é desempenhado entre espécies diferentes, é apenas lindo. Na minissérie *The Camomile Lawn*, a personagem de Jennifer Ehle circula pela Londres da época da guerra em uma sequência prazerosa inimaginável de festas, champanhe, promiscuidade e transas. Tem uma cena que parece o máximo na aspiração adulta: meio reclinada em uma banheira de zinco, Ehle está ao telefone, organizando sua vida social por meio de um aparelho preto de baquelita.

“Londres é maravilhosa”, ela grita, toda refinada, com o cabelo molhado na nuca, os olhos já brilhantes de champanhe. “Tem tanta fesssshta!”

Os seios dela flutuam, como arquipélagos de veraneio, em perfeição serena. Seus mamilos são cor-de-rosa como o nariz de um ratinho. Mais tarde, estarão escondidos por seda cor-de-rosa e serão conduzidos a uma sacada para fumar um cigarro com algum garoto bonito que suspira pensando em tocá-los. Os seios de Jennifer Ehle em *Camomile* fizeram com que ter seios parecesse a coisa mais divertida do mundo. Eu os observo, sentada sozinha na sala, no escuro. Meus seios não ficam daquele jeito na banheira. Não faço ideia de como meus seios ficam na banheira — sempre os cubro com uma flanela, para o caso de alguém entrar de repente e ver. Ainda não temos tranca na porta do banheiro.

“Uma das crianças pode se trancar aí dentro e se afogar”, minha mãe explica quando entro na banheira sem tirar a calcinha.

E então, em 1990, o Channel 4 mostra o filme sobre a vida da jovem Cynthia Payne, *Wish You Were Here*, e é o meu grande momento de revelação. Ah, Emily Lloyd em *Wish You Were Here*! O Beatles da pornografia! O Dickens da transa! A primeira personagem da minha idade e do meu mundo que vejo — adolescente, da classe operária — tratar o sexo não como uma coisa obscura e que leva à danação, mas como algo bobo e divertido — que deve ser levado tão a sério quanto fumar um cigarro (coisa que ainda não fiz, mas pretendo fazer) ou andar de bicicleta (coisa que fiz uma vez e caí, mas tudo bem).

Sozinha na sala, enrolada em uma colcha, comendo nosso lanche preferido do momento — o pirulito de queijo: um pedaço de queijo espetado em um garfo —, fico assistindo, de olhos arregalados, à cena em que todo o meu ser sexual viria a se basear. O tio sacana de Cynthia a leva para um barracão e, depois de uma sessão curta de provocação, começa a comê-la encostada em uma parede. Ela usa um vestidinho de algodão justo dos anos 1950, lápis nos olhos e meias soquete. Ela geme, masca um chiclete e sussurra: “Seu sacana. Sujo. Velho”.

Dez minutos depois ela está à beira-mar, enfiando o vestido na calcinha e berrando “Pau no cu!” para os transeuntes enquanto dá risadas histéricas.

Com as bobagens pansexuais e malucas do programa *Eurotrash* — Lolo Ferrari, a mulher com os maiores peitos do mundo, pulando em uma cama elástica; drag queens com pintos de borracha e plugs anais; aleijados usando arreios; donas de casa holandesas entediadas fazendo simulações sexuais —, essa é a soma de todo o sexo a que tive acesso até os dezoito anos. Talvez dez minutos no total — uma série de vinhetas artísticas, esquisitas e às vezes brutais que reúno e uso como base para minha imaginação sexual.

Junto com alguns sonhos recorrentes sobre Han Solo e Aslan (que eu crio sozinha — não sou folgada), essa é a primeira coisa que parece ser um sensor verdadeiro da entrada na vida adulta: sexo. Desejo. Vontade de gozar. Algo que me leva na direção certa. Parece que — no fim — de algum modo — não sei como — e só se eu assistir às aulas com atenção — vai fazer com que eu me vista da maneira certa, diga as coisas corretas, vai me dar o ímpeto de sair de casa para encontrar o que quer que esteja à minha espera.

Na época, eu gostaria de poder ter visto mais sexo. Quero ter mais pornografia do que sou capaz de repassar na cabeça enquanto preparo um sanduíche. Em anos posteriores, no entanto, eu até chego a acreditar que minha educação sexual não foi assim tão ruim. A pornografia facilmente disponível e hard-core do século XXI explode na imaginação sexual de homens e mulhe-

res como antibiótico e mata todo o mistério, a incerteza e a dúvida — para o bem e para o mal.

Mas, nesse ínterim, descobri uma coisa. Sei de uma coisa boa, até agora, em ser mulher: gozar.

Vinte e dois anos depois, em uma noite em que não tinha nada para fazer, eu estava navegando na internet em busca de pornografia. Sei do que gosto — ménage à trois, berros, leões gigantes míticos das *Crônicas de Nárnia* — e, para ser justa, é possível encontrar tudo isso se eu me esforçar um pouco na pesquisa. Não existe praticamente nada que possa ser concebido do ponto de vista sexual que não seja encontrado com uma pesquisa rigorosamente específica no Google, se você tiver dez minutos para perder.

Mas tem uma coisa — uma coisa óbvia e fantástica — que não está disponível. Algo absurdamente ausente entre as “mães boas de foder” e “os pais bons de foder” e o “sadomasoquismo combinado a amarração e disciplina” e a “ação entre duas mulheres com a ajuda de apetrechos”. Tem uma coisa que eu não consigo encontrar de jeito nenhum, por mais sites que eu visite, ou por mais vezes que digite os dados do meu cartão de crédito. Uma coisa que alimenta toda a minha raiva pela pornografia, que vou retomar mais adiante.

Por outro lado, há uma coisa que está absurdamente disponível — algo que enche o YouPorn, o RedTube e a Wank.net até a tampa. Uma coisa da qual a internet está lotada, prateleira após prateleira, clipe após clipe, e que nunca dura mais do que seis minutos — o tempo médio que um homem leva para gozar. Essa é a pornografia heterossexual do século XXI:

Era uma vez uma garota de unhas compridas e roupa horrível sentada em um sofá, tentando parecer sexy, mas, na verdade, com cara de quem acabou de se lembrar de uma multa de trânsito vergonhosa que não pagou. Talvez seus olhos estejam um pouco vesgos, de tão apertado que está seu sutiã.

Um homem chega — um homem que caminha de um jeito bem estranho, como se estivesse carregando uma cadeira de jardim invisível à sua frente. Isso porque ele tem um pênis grande, fora do comum, que está ereto, e parece estar examinando a sala em busca da coisa de menor interesse sexual dentro dela.

Depois de rejeitar a janela e o vaso, o pau finalmente se volta para a garota no sofá.

Enquanto ela lambe os lábios sem o menor interesse, o homem se inclina por cima dela e — inexplicavelmente — pesa o peito esquerdo dela na mão. Parece que isso significa passar por algum tipo de ponto sem volta sexual, porque,

trinta segundos depois, ela está sendo comida em um ângulo desconfortável, e depois é currada com uma cara de dor. Geralmente tem algumas palmadas na bunda aqui, alguns puxões de cabelo ali — qualquer coisa que seja realizável na filmagem com duas câmeras diretas em menos de cinco minutos.

Tudo acaba com ele gozando na cara dela, fazendo a maior sujeira — como se estivesse colocando uma cobertura aleatória em um pãozinho em um dos desafios do game show *The Generation Game*.

Fim.

Obviamente, há variações sobre este tema — talvez ela seja comida em ambas as extremidades por dois homens ou talvez tenha uma amiga igualmente malvestida, com unhas afiadas, em que finge mandar ver de maneira incoerente, em um velcro falso — e aí, obviamente, há quantidades *infinitas* de ações de nicho disponíveis.

Essencialmente, a internet vende uma monocultura pornográfica — uma East Anglia sexual. Sem emoção, sem rosto e forçada, até onde se pode ver, com as manobras sexuais monótonas e tediosas descritas acima. É a transa do supermercado Tesco; a trepada do Microsoft Windows: expulsa todos os outros tipos de sexo do mercado.

Essa única foda sem imaginação, replicada bilhões de vezes, é, de modo geral, o que queremos dizer com a expressão “cultura pornô” — provavelmente a maior infiltração cultural desde a contracultura da década de 1960; certamente mais invasiva do que seus semelhantes e rivais, como a cultura gay, o multiculturalismo e o feminismo.

A cultura pornô está tão arraigada que, na metade do tempo, nem nos damos conta de que estamos olhando para ela. Depilação completa. Só uma tirinha de pelo restante. Peitos redondos e artificiais. Unhas de acrílico que impossibilitam amarrar um sapato ou digitar. A MTV cheia de virilhas e peitos. As revistas *Nuts* e *Zoo* com páginas e páginas mostrando os peitos das leitoras — de maneira voluntária e espontânea, como ritos de passagem. Parte-se do princípio de que o sexo anal faz parte do repertório de qualquer mulher. Anúncios de maquiagem ou programas de tv que mostram mulheres de olhos vidrados, com a boca aberta, prontas para levar um monte de porra na cara. Calcinhas substituídas por fios dentais. Saltos altíssimos que não foram feitos para caminhar — só para deitar e ser comida. O calendário das “gostasas” de *Hollyoaks*, a foto de “sexo” de Lindsay Lohan antes de ser presa. Se 12% da internet é pornografia — são 4,2 milhões de sites; 28 mil pessoas vendo pornografia por segundo —, então isso significa que em 12% das imagens de mulheres na internet elas estão de quatro, embaladas em algum tipo de PVC nada higiênico ou sendo oprimidas por uma genitália

masculina crescida, como se suas aberturas diversas fossem alguma espécie de fita para envolver encanamento.

Apenas a título de comparação: isso é obviamente tão prejudicial e nocivo para a paz de espírito coletiva das mulheres quanto seria se 12% das imagens dos homens na internet fossem de cabeças masculinas explodidas de algum modo horrível por pistolas laser alienígenas, ou de homens chorando sendo baixados em um poço cheio de tubarões nazistas. Depois da breve promessa da revolução sexual de libertar o léxico sexual das mulheres, ele logo voltou a se fechar em sua série estreita, desconfortável e exploradora de caricaturas. Simplesmente não é... legal. Não é educado. Faz com que nossa suavidade se enrijeça.

O problema aqui não é a pornografia por si só. Ela é tão antiga quanto a própria humanidade. A primeira ação do neandertal — no dia feliz em que evoluiu do macaco — deve ter sido fazer um desenho na parede de uma caverna de um homem com um pau enorme. Talvez essa tenha sido a primeira ação de uma *mulher*. Afinal de contas, nós nos interessamos, nessa ordem, por a) pintos e b) decoração.

É por isso que museus são tão maravilhosos: você fica andando de um lado para o outro, observando o passeio da humanidade da lama ao Wi-Fi, vê trabalhos em ferro incríveis, cerâmicas inspiradoras, pergaminhos fabulosos, pinturas exímias e — em todas esses campos — toneladas de diversos tipos de transas históricas. Homens fodendo homens, homens fodendo mulheres, homens chupando mulheres, mulheres dando prazer a si mesmas — está tudo lá. Todas as manifestações concebíveis de sexualidade humana, em barro e pedra, em ocre e dourado.

A ideia de que a pornografia não passa de exploração machista é bizarra: afinal de contas, pornografia é apenas “um pouco de foda”. O ato de fazer sexo não é machista, por isso, não tem como a pornografia ser, em si, misógina de maneira implícita.

Então, não. A pornografia não é o problema. Feministas estridentes acham que não há problema nenhum com a pornografia. O problema é a *indústria* da pornografia. A coisa toda é tão ofensiva, esclerosada, deprimente, falida do ponto de vista emocional e degradante quanto seria de esperar de um setor econômico sem regulamentação que movimenta, em uma estimativa extremamente conservadora, 30 bilhões de dólares. Nenhum setor jamais rendeu essa quantia de dinheiro sem ser grosseiro e burro de maneira superlativa.

Mas as coisas não são proibidas por serem grosseiras e desalentadoras. Se isso acontecesse, primeiro seria necessário proibir o Mega Enroladinho de Linguíça do Gregg — e assim poderíamos ter uma revolução nas mãos.

Não. Nós precisamos é efetuar um crescimento de 100% na variedade

de pornografia que está disponível. Vamos encarar: a ampla maioria da pornografia que existe por aí é tão idêntica e mecânica quanto geladeiras com freezer que saem de uma linha de produção.

E existem diversas razões por que isso é ruim para todo mundo — homens e mulheres. Em primeiro lugar, no século XXI, crianças e adolescentes obtêm a maior parte de sua educação sexual na internet. Muito antes de a escola ou os pais terem tocado no assunto, há boa possibilidade de que eles já tenham visto muita coisa na rede.

Mas as crianças não obtêm na internet apenas educação sexual — que é uma série de fatos e informações práticas úteis, e o básico de o que vai onde ou o que *pode* ir onde, se você tiver determinação suficiente. Elas também acessam as áreas remotas do sexo. Isso informa tanto a imaginação quanto a mecânica da coisa.

É por isso que havia, pelo menos, *equilíbrio* e *variedade* nas coisas que fui descobrindo — por mais que a pornografia que eu conseguia desencavar nos meus anos de adolescência fosse limitada, capenga e centrada em Trevor Eve. Eu tinha anáguas, espiões, matinhos, freiras, ménages à trois em espreguiçadeiras de jardim, vampiros, galpões, chiclete, faunos no banco de trás de um Capri e, com mais frequência do que não, apesar de estar lendo algo do século XIV, as garotas tiravam proveito disso. As mulheres gozavam. Seus desejos eram atendidos. De fato, *eram* os desejos das mulheres.

E isso era importante, porque o imaginário sexual dos anos de adolescência são os mais potentes que qualquer pessoa vai ter na vida. Ele dita os desejos do resto da sua vida. Um vislumbre de uma barriga sendo beijada nessa época vale por um milhão de cenas radicais envolvendo punhos fechados quando se está na casa dos trinta anos.

Um dos primeiros estudiosos do sexo, Wilhelm Stekel, descreveu as fantasias de masturbação como uma espécie de transe ou estado alterado de consciência, “uma espécie de intoxicação ou êxtase, durante o qual o momento presente desaparece e a fantasia proibida sozinha reina suprema”.

É necessário assegurar-se de que qualquer coisa que se pense nesse estado tenha um elemento de... prazer em si.

Dei uma palestra no ano passado em um encontro de um grupo de pressão feminista chamado Object. Em uma discussão sobre pornografia — que deveria ser proibida, como todo mundo parecia presumir automaticamente —, a conversa se voltou para como seria perturbador para meninas pequenas assistir a pornografia pesada de maneira acidental.

“E para meninos também”, observei, em tom ameno. “Acho que meninos de oito anos ficariam tão desconcertados quanto meninas que clicassem em um link e vissem sexo anal hard-core.”

“NÃO! NÃO!”, uma mulher muito brava gritou.

Sinto dizer que a aparência dela era o clichê que todo mundo tem de uma feminista pós-Dworkin. Ela usava um daqueles chapeuzinhos de veludo coberto com bordados e espelinhos.

“Um MENINO não ficaria incomodado com isso, porque ele está vendo o HOMEM NO CONTROLE.”

E eu pensei em todos os meninos de oito anos que conheço — Tom, Harris, Ryan, que ainda ficam um pouquinho nervosos com os esqueletos de *Piratas do Caribe* — e achei que eles não ficariam assim tão exultantes de ver um homem no controle. Acho que iam ficar com medo de alguém que se parece com um Burt Reynolds raivoso comendo alguém por trás em um patamar da escada. Também acho que, quando eles fossem contar à mãe o que eu tinha mostrado a eles, eu provavelmente seria expulsa da turma que toma café de manhã junta por uns bons seis meses.

E foi aí que comecei a pensar que precisamos de *mais* pornografia, não de menos. Crianças de oito anos não *devem* ver pornografia hard-core, portanto, é claro, não importa *nem um pouco* qual é a reação deles a isso. É a mesma coisa que terem opinião sobre uísque ou impostos.

Mas, quando chegarem a uma idade em que têm vontade de acessar o imaginário sexual, quero que Harris, Ryan e Tom tenham a oportunidade de encontrar um pouco de pornografia “à solta” por aí — por falta de expressão melhor. Um material que mostre o sexo como uma coisa que duas pessoas fazem juntas, e não como algo que acontece com uma mulher quando ela precisa pagar o aluguel. Um material em que *todo mundo* goza — para colocar de maneira simples. Em um gênero em que ninguém prende a respiração à espera de efeitos especiais sensacionais ou de um monólogo de tirar o fôlego e que envolve somente trepar, esse tem que ser um requerimento básico. Prazer universal.

E é por isso que precisamos começar a produzir nosso próprio material. Não estou falando das coisas anódinas que são supostamente qualificadas como “pornô para mulheres” — princesas mal filmadas e chefes dominadoras mandando os funcionários novatos do escritório ficarem até mais tarde para passar fax.

Não. Desconfio que a pornografia feminina, quando realmente ganhar fôlego, vai ser algo completamente diferente: calorosa, humana, engraçada, perigosa, psicodélica, com parâmetros totalmente diferentes dos da pornografia masculina.

Basta ler *My Secret Garden*, de Nancy Friday — um compêndio de fantasias de masturbação femininas —, para ser capaz de fazer a generalização agradavelmente ampla de que, ao passo que as fantasias masculinas são cur-

tas, fortes e diretas — um pouco parecidas com “My Sharona”, do Knack, digamos —, as fantasias femininas são uma obra de Alice Coltrane, sinfônicas e mutantes. Em suas fantasias, as mulheres crescem e diminuem, mudam de forma, mudam de idade, de cor e de locação. Elas se manifestam como vapor, luz e som, passam por personalidades conflitantes (enfermeira, mãe, virgem, menino, lobo) e um zodíaco inteiro de posições enquanto, como você já está desconfiando, sempre imaginam um cabelo lindo. NENHUMA mulher nunca entrou em uma fantasia com um penteado desastroso.

Mas isso é só o começo. Imagine se a pornografia não fosse uma foda assim tão bizarra, mecanizada e fabricada em linha de montagem: exercícios aeróbicos preocupados apenas com a penetração em alta velocidade e a ejaculação ostensiva. Imagine se o principal fosse o desejo.

Porque uma coisa que eu não consegui encontrar naquela noite, enquanto surfava pela internet, foi o desejo. Gente que realmente queria transar. Que *precisava* transar. Imagine observar duas pessoas fodendo naquele estágio inicial fervente da atração quando suas pupilas se dilatam só de olhar um para o outro e dá tanta vontade de se derreter nos ossos um do outro que os dois já estão praticamente devorando as roupas no minuto em que a porta fecha. Eu não posso ser a única pessoa que de vez em quando viveu uma transa tão espetacular, completa, cinematográfica e intensa que, no final, me recostei — com os ouvidos ainda zunindo — e pensei que a CNN deveria dar *essa* notícia. *Isso* sim é que precisava passar entre as manchetes embaixo da tela.

Em um mundo onde é possível conseguir um rim, um Picasso no mercado negro ou uma passagem para fazer uma viagem ao espaço, por que é impossível achar sexo de verdade? Uma foda de verdade entre pessoas que realmente querem se comer? Uma garota com uma roupa que eu respeite pelo menos um pouco, divertindo-se até não poder mais? Eu tenho DINHEIRO. Estou disposta a PAGAR. SOU UMA MULHER DE 35 ANOS E SÓ QUERO UMA INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA INTERNACIONAL MULTIBILIONÁRIA EM QUE EU POSSA VER UMA MULHER GOZAR.

Só quero ver as pessoas se divertindo.